



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PALMAS
CURSO DE NUTRIÇÃO

CAMILLA RODRIGUES EVANGELISTA SILVA
KELY REGINA BORGES BARBOSA
THAIS NAYARA GOMES SANTANA

**INFLUÊNCIA DOS PAIS SOBRE O HÁBITO ALIMENTAR INFANTIL: REVISÃO
INTEGRATIVA**

Palmas/TO

2021

CAMILLA RODRIGUES EVANGELISTA SILVA

KELY REGINA BORGES BARBOSA

THAIS NAYARA GOMES SANTANA

**INFLUÊNCIA DOS PAIS SOBRE O HÁBITO ALIMENTAR INFANTIL: REVISÃO
INTEGRATIVA**

Monografia apresentada à UFT –
Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Palmas para a
obtenção do título de Bacharel em Nutrição
sob orientação da Profa. Esp^a Bárbara
Paixão de Gois.

Orientador(a): Prof^a. Esp. Bárbara
Paixão de Gois.

Palmas/TO

2021

**Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP) Biblioteca da Universidade
Federal do Tocantins
Campus Universitário de Palmas**

- S586i Silva, Camilla Rodrigues Evangelista.
Influência dos pais sobre o hábito alimentar infantil: revisão integrativa. /
Camilla Rodrigues Evangelista, Kely Regina Borges Barbosa, Thais Nayara
Gomes Santana. – Palmas, TO, 2021.
26 f.
- Monografia de Graduação – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Palmas - Curso de Nutrição, 2021.
Orientadora: Prof^a. Esp. Bárbara Paixão de Gois
1. Comportamento Alimentar. 2. Nutrição da Criança. 3. Parentalidade. 4.
Hábitos alimentares. I. Título.

CDD 612.3

**Bibliotecária: Atilena Carneiro
Oliveira CRB-2 / 932**

Todos os Direitos Reservados – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do código penal.

CAMILLA RODRIGUES EVANGELISTA SILVA

KELY REGINA BORGES BARBOSA

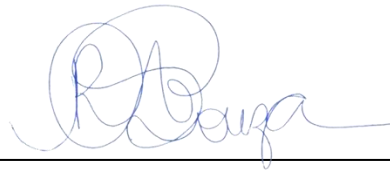
THAIS NAYARA GOMESSANTANA

INFLUÊNCIA DOS PAIS SOBRE O HÁBITO ALIMENTAR INFANTIL: REVISÃO INTEGRATIVA

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Palmas, Curso de Nutrição foi avaliada para a obtenção do título de Bacharel em Nutrição e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 06/08/2021

Banca Examinadora



MSc. Rafaela Cristina Vieira de Souza



MSc. Lúcia Helena Almeida Gratão

AGRADECIMENTOS

Agradeço as discentes e amigas, Thais e Kely, minhas parceiras nesse trabalho, sem elas não teria sido possível, obrigada pelo apoio, ajuda e compreensão.

Agradeço à minha orientadora Bárbara Paixão de Gois por nos orientar mesmo com tantas demandas acadêmicas. Obrigada por todo apoio e orientação que nos guiou na escrita desse trabalho, com certeza, o aprendizado será para a vida.

Agradeço aos meus professores, vocês são minha inspiração e eu não estaria aqui se não fosse por vocês.

Agradeço a minha família e em especial aos meus pais, Matuzalém e Marilene, sem vocês dois eu não teria chegado até aqui. Vocês foram meu apoio e me incentivaram, minha graduação é dedicada a vocês. Aos meus irmãos mais novos, a alegria da família, obrigada pelo apoio, amo vocês. A minha irmã e melhor amiga Gabriella, pelo apoio e carinho nos momentos mais difíceis, por ter me escutado e ficado comigo mesmo que estejamos em cidades tão distantes uma da outra.

Agradeço ao meu esposo, Matheus, por sempre estar comigo nos momentos bons e ruins, entender minha ausência e comemorar minhas vitórias. Te amo infinitamente. Agradeço também a família do meu esposo, e agora minha, por sempre me apoiar, amo vocês.

Agradeço a minhas amigas de curso: Thais, Martha Rafaella, Letícia e Juliana por viverem a graduação comigo, me apoiando durante todo curso, amo vocês! Vou levar nossa amizade para toda vida.

Agradeço a minha melhor amiga do coração, Ana, pelo apoio e carinho, obrigada por sempre acreditar em mim, amo você.

Por fim, agradeço aos meus amigos por sempre estarem comigo e me apoiarem.

Camilla Rodrigues Evangelista Silva

Agradeço primeiramente a Deus por ter me ajudado a vencer todos os obstáculos encontrados ao longo do curso, me possibilitando chegar até aqui. A minha família por sempre me apoiar e incentivar nos momentos de aflição. Em especial a minha irmã, Thamires, que foi a minha maior incentivadora a ingressar no curso, que me acolhe e me apoia em todos os momentos difíceis, em que foi um suporte importante durante essa minha caminhada.

Aos meus amigos que sempre me incentivaram e apoiaram, em especial a minha amiga Carla, que foi uma de minhas maiores ouvintes ao longo da graduação. Agradeço as

minhas amigas, Camilla, Rafaela e Letícia, amigas que a universidade me deu, por cada momento incrível compartilhado.

Agradeço às minhas companheiras de TCC, Camilla e Kelly, que embarcaram comigo nesse estudo durante a pandemia.

E por fim, aos professores por todo ensinamento nessa caminhada que me proporcionou evoluir ao longo da graduação. Em especial a orientadora Bárbara que nos acolheu e confiou em nosso objetivo de estudo.

Thais Nayara Gomes Santana

Agradeço a Deus pela minha vida, e por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso.

A minha mãe uma mulher lutadora, guerreira que não poupou esforços para que eu concluísse esse projeto e que sempre dedicou a sua vida a felicidade de suas filhas, minha mãe amada Maria Bonfim. Serei eternamente grata a minha mãe que sempre esteve ao meu lado e que vibra com as minhas vitórias.

Quero dedicar esse momento ao meu esposo Raimundo que me deu forças em todas as etapas desse trabalho, muitas vezes tendo que renunciar a algo para estar ao meu lado. Ele que acima de tudo é um grande amigo e companheiro, te amo.

As minhas irmãs Thaiza e Karol pela amizade e atenção dedicadas quando precisei.

Agradeço às minhas amigas Camilla e Thais pelas trocas de ideias e ajuda mútua. Juntas conseguimos avançar e ultrapassar todos os obstáculos para concluirmos esse trabalho.

À minha orientadora Bárbara Paixão de Gois pela sua dedicação e paciência durante o projeto. Seus conhecimentos fizeram grande diferença no resultado deste trabalho.

A todos os meus amigos do curso de graduação que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos, sempre com espírito colaborativo.

Finalmente, quero agradecer a Universidade Federal do Tocantins e ao seu corpo docente que demonstrou estar comprometido com a qualidade e excelência do ensino.

Kely Regina Borges Barbos

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO...	07
2	OBJETIVOS.....	09
2.1	Objetivo geral	09
2.2	Objetivos específicos.....	09
	REFERÊNCIAS	10
	ARTIGO - 1.....	11

1. INTRODUÇÃO

A nutrição e a alimentação são elementos essenciais para a proteção e a promoção da saúde, visto que são indispensáveis para o crescimento e desenvolvimento humano (BRASIL, 2013). Por outro lado, a alimentação não se refere apenas à ingestão de nutrientes, mas também aos alimentos que possuem e oferecem esses nutrientes, a maneira como eles são combinados e preparados, as características do modo de comer e as condições culturais e sociais das práticas alimentares. Esses fatores são primordiais para a saúde e o bem-estar (BRASIL, 2014).

É visto que o significado do alimento começa desde o aleitamento materno e a Organização Mundial da Saúde (OMS) orienta que ele seja exclusivo até os seis meses de vida (BRASIL, 2009). Até um ano de idade, a principal fonte energética do bebê é o leite materno/fórmula infantil (VICTORA, 2016), sendo que a amamentação supre as necessidades nutricionais do bebê até os seis meses. Após esse período, o leite materno não é suficiente para atender as necessidades nutricionais da criança, por esse motivo é fundamental iniciar a introdução alimentar gradativa por meio de outras fontes alimentares (SILVA et al., 2016). Dos seis meses aos doze anos de idade, a criança está na fase de desenvolver o paladar e a curiosidade perante o alimento, portanto é considerada uma fase essencial para formação de hábitos alimentares, que poderão ser mantidos em outros ciclos da vida. Tais hábitos estão relacionados com fatores genéticos e ambientais (MELO et al., 2017).

A criança sofre influências alimentares desde a gestação, visto que os aromas de alimentos consumidos pela mãe são passados para o líquido amniótico, influenciando no paladar do feto, já a percepção dos sabores e a sensibilidade para gostos são predisposições genéticas herdadas pelos pais e adquiridas ao longo da vida (BARBOSA et al., 2019). Por outro lado, os fatores ambientais podem ser a influência da família na forma que a criança come, processos psicossociais e culturais, bem como a maneira em que a criança é influenciada socialmente, além do papel do ambiente em que vive (DANTAS et al., 2019).

Os hábitos alimentares, a forma como os pais e cuidadores interagem com as crianças durante as refeições são fundamentais para a formação dos hábitos alimentares infantis, visto que essas características influenciam diretamente na forma como a criança irá se relacionar com os alimentos. Essa interação nos primeiros anos de vida pode influenciar positivamente ou negativamente na nutrição, no desenvolvimento social e cognitivo da criança (SILVA et al., 2016).

Nessa perspectiva, é visto que as práticas realizadas pelos pais e a forma como eles interagem com as crianças na infância podem influenciar nos hábitos alimentares e nas preferências de seus filhos que seguirão na vida adulta. Dessa forma, é de extrema importância a avaliação do hábito e influência familiar, para melhor compreensão do que essas atitudes causam na alimentação de seus filhos.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Investigar a influência dos pais sobre os hábitos alimentares na infância.

2.2. Objetivos Específicos

- Identificar quais as práticas realizadas pelos pais que interferem na alimentação de seus filhos;
- Verificar como as preferências alimentares parentais estão associadas às de seus filhos;
- Identificar quais práticas influenciam de maneira positiva e negativa nos hábitos alimentares dos filhos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança: nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2009. Disponível em:https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_nutricao_aleitamento_alimentacao.pdf.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Alimentação e Nutrição / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde.** Departamento de Atenção Básica. 1. ed. Brasília -DF, 2013. Disponível em:https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_alimentacao_nutricao.pdf.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira.** 2 ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2014. Disponível em:https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_populacao_brasileira_2ed.pdf.
- BARBOSA, D. X. F.; ALMEIDA, F. S. ; OLIVEIRA, E. C. R. A Influência dos pais nos hábitos alimentares das crianças e seu reflexo no perfil de transição nutricional brasileiro. Disponível em:<https://ri.unipac.br/repositorio/wp-content/uploads/2019/02/NUTRI%C3%87%C3%83O-Franciale-Santana-de-Almeida.pdf>.
- DANTAS, R. F.; SILVA, G. A. P. The role of the obesogenic environment and parental lifestyles in infant feeding behavior. **Revista paulista de pediatria.** vol.37 no.3 São Paulo July/Sept. 2019. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/rpp/a/dg3NhhpRT7NMrMxdnW737vM/?lang=en&format=pdf>.
- MELO, K. M. ; CRUZ, A. C. P.; BRITO, M. F. S.; PINHO, L. Influence of parents' behavior during the meal and on overweight in childhood. **Esc. Anna Nery** . vol.21 no.4 Rio de Janeiro, 2017. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/ean/a/NQ9MgC7XJTvPVW7986KpXPS/?format=pdf&lang=en>.
- SILVA, Giselia A. P; COSTA, Karla A.O; GIUGLIANI, Elsa R. J. Infant feeding: beyond the nutritional aspects. **J Pediatr** (Rio J). Volume 92, Supplement 1, Pages S2-S7. May–June 2016. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/jped/a/H8MdrRDbRRBRLMnNG85Q99Q/?format=pdf&lang=en>.
- VICTORA C.G.; BAHL R.; BARROS A. J. D.; FRANÇA G. V. A.; HORTON, S.; KRASEVEK, J.; MURCH S.; SANKAR M. J.; WALKER, N.; ROLLINS, N.C. Breastfeeding in the 21 st century: epidemiology, mechanisms, and lifelong effect. *Lancet* . 387, pag. 475-490. Disponível em:<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0140673615010247>.

ARTIGO - 1

**INFLUÊNCIA DOS PAIS SOBRE O HÁBITO ALIMENTAR NA INFÂNCIA:
REVISÃO INTEGRATIVA**

Camilla Rodrigues Evangelista Silva¹, Kely Regina Borges Barbosa¹, Thais Nayara
Gomes Santana¹, Bárbara Paixão de Gois²

¹Discente no curso de Nutrição da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

²Mestranda no Programa de Pós-graduação em Nutrição e Saúde da Universidade Federal
de Goiás (UFG). E-mail: barbarapaixao@discente.ufg.br

RESUMO

A infância é considerada uma fase essencial para a formação de hábitos alimentares, e a forma como os pais e cuidadores interagem com as crianças durante as refeições é fundamental para a formação desses hábitos. Essa interação nos primeiros anos de vida pode influenciar positivamente ou negativamente na alimentação. O objetivo dessa revisão foi investigar a influência que os pais exercem na alimentação dos filhos na infância. Foi realizado levantamento bibliográfico dos artigos publicados nos últimos dez anos sobre o tema, na base científica PubMed. Os resultados apontaram que os pais influenciam a alimentação dos filhos por meio de práticas parentais (pressão para comer, restrição, monitoramento da alimentação dos filhos); hábitos alimentares familiares (horário de refeição, comer junto à mesa) e hábitos alimentares infantis (autonomia, preferências alimentares infantis, envolvimento nas preparações de alimentos e ingestão de frutas e verduras). Os pais que possuem hábitos alimentares mais saudáveis e práticas parentais positivas, como fazer as refeições em família e envolver a criança no preparo do alimento, tendem a ter filhos com alimentação mais saudável. No entanto, práticas parentais negativas, como utilizar pressão para criança comer, utilizar alimentos como recompensa e restringir algum grupo de alimento geram um hábito alimentar infantil inadequado, incentivando a preferência por alimentos menos nutritivos e mais calóricos.

PALAVRAS-CHAVES: Comportamento Alimentar; Nutrição da Criança; Parentalidade.

ABSTRACT

Childhood is considered an essential phase for the formation of eating habits, and the way parents and caregivers interact with children during meals is fundamental to these habits' formation. This interaction in the first years of life can positively or negatively influence feeding. The objective of this review was to investigate the influence that parents have on their children's nutrition during childhood. A bibliographic survey of the last ten years published articles on the subject was carried out in the scientific database PubMed. The results indicated that parents influence the feeding of their children through parental practices (pressure to eat, restriction, monitoring of children's food); family eating behavior (mealtimes, eating at the table) and children's eating behavior (autonomy, children's food preferences, involvement in food preparation, intake of fruits and vegetables). Parents who have healthier eating habits and positive parenting practices, such as having family meals and involving the child in food preparation, tend to have children with healthier eating habits. However, negative parenting practices, such as using pressure on the child to eat, using food as a reward, and restricting some food group, generate an inadequate childhood eating habit, encouraging a preference for less nutritious and more caloric foods.

KEY WORDS: Child Nutrition; Feeding Behavior; Parenting.

INTRODUÇÃO

A nutrição e a alimentação são elementos essenciais para a proteção e a promoção da saúde, visto que as práticas e hábitos alimentares são aprendidas a partir das vivências e dos locais em que estamos inseridos durante o nosso crescimento e desenvolvimento. Alimentar-se significa escolher alimentos a serem ingeridos a partir de hábitos alimentares construídos, adquiridos no contexto familiar e meio social nos quais o indivíduo convive (JUSTO; FERREIRA, 2016).

Dessa forma, a alimentação não se refere apenas à ingestão de nutrientes, mas também aos alimentos que possuem e oferecem esses nutrientes, a maneira como eles são combinados e preparados, as características do modo de comer e as condições culturais e sociais das práticas alimentares. Esses fatores são primordiais para a saúde e o bem-estar de cada pessoa (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014).

Diante disso, é visto que o significado do alimento se inicia com o aleitamento materno, sendo a amamentação um processo que supre totalmente as necessidades nutricionais da criança nos primeiros seis meses de vida (VICTORA *et al.*, 2016). A Organização Mundial da Saúde orienta a prática do aleitamento materno exclusivo até os seis meses de idade do bebê (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009). Após os seis meses é fundamental iniciar a introdução alimentar gradativa por meio de outras fontes alimentares, mantendo-o de forma complementar até no mínimo dois anos de idade (SILVA; COSTA; GIUGLIANI, 2016).

A partir da introdução de novos alimentos, a criança começa a desenvolver novas habilidades e passa a compreender as diversas dimensões do ato de se alimentar, portanto é considerada uma fase essencial para formação de hábitos alimentares, que poderão ser mantidos em outros ciclos da vida. Tais hábitos estão relacionados com fatores genéticos e ambientais (MELO *et al.*, 2017). Os fatores ambientais podem ser a influência da família na forma que a criança come, processos psicossociais e culturais, bem como a maneira em que a criança é influenciada socialmente, além do papel do ambiente em que vive (DANTAS; DA SILVA, 2019).

Os hábitos alimentares e a forma como os pais e cuidadores interagem com as crianças durante as refeições e seu preparo são fundamentais para a formação das preferências alimentares infantis, visto que essas características influenciam diretamente na forma como a criança irá se relacionar com os alimentos. Essa interação nos primeiros anos de vida pode influenciar positivamente ou negativamente na nutrição, no desenvolvimento social e cognitivo da criança (SILVA *et al.*, 2016). Diante do exposto, essa revisão de literatura tem como objetivo investigar a influência dos pais sobre o hábito alimentar na infância.

DESENVOLVIMENTO

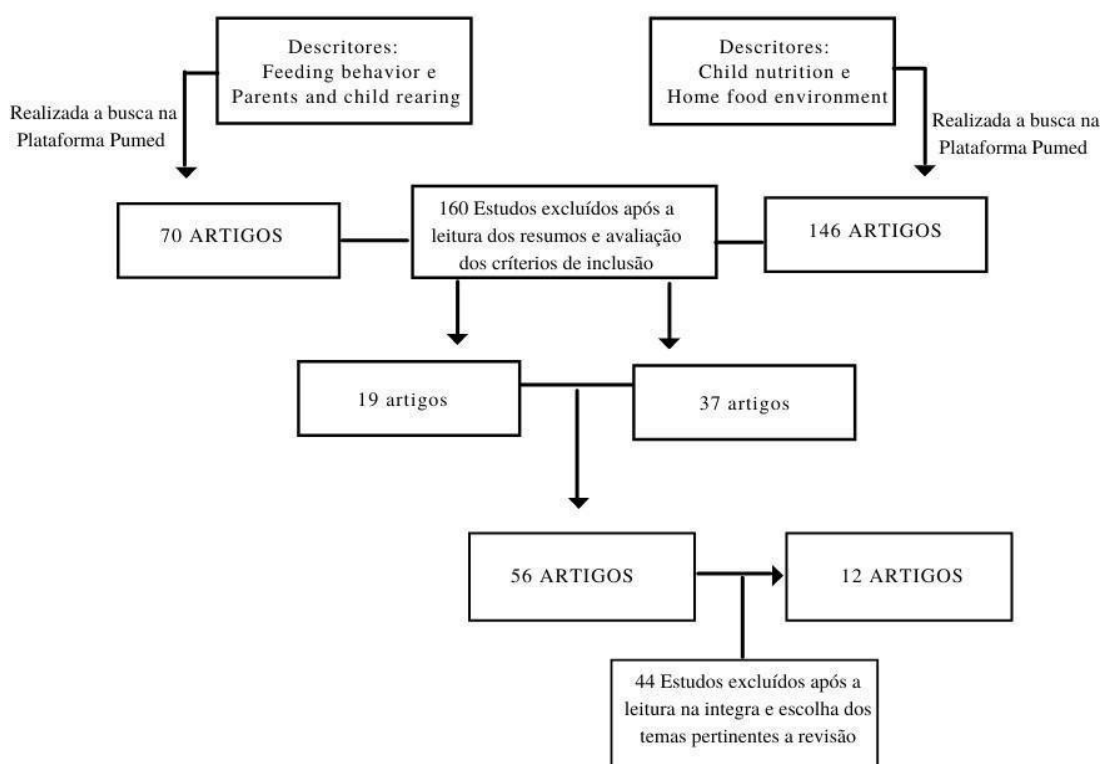
O presente estudo é uma revisão integrativa da literatura, que é definida como um método amplo cujos estudos incluídos são analisados de forma ordenada e abrangente, considerando seus objetivos, materiais e métodos, com finalidade de reunir resultados sobre um determinado tema ou questão, contribuindo ao leitor o aprofundamento do conhecimento sobre o tema em investigação (POMPEO; ROSSI; GALVÃO, 2009).

A revisão integrativa foi fragmentada em seis etapas (Figura 1) sendo elas: 1) elaboração e delimitação do assunto; 2) escolha dos descritores; 3) realização da busca na

literatura científica disponível eletronicamente; 4) classificação dos estudos inseridos no trabalho; 5) leitura dos artigos selecionados; 6) síntese da revisão. Foram utilizados os seguintes descritores e termos Mesh: “*child nutrition*”, “*feeding behavior*”, “*parents and child rearing*”, e “*home food environment*” para efetuar a busca na base de dados, no idioma inglês. Os critérios de inclusão foram artigos completos disponíveis eletronicamente e publicados nos últimos dez anos, que tivessem como tema a influência dos pais sobre a alimentação de seus filhos, práticas parentais alimentares e hábitos alimentares da família.

Estudos de revisão bibliográfica e sistemática, resumos e editoriais não foram incluídos. Os resultados obtidos foram revisados de forma independente por três autores, para que assim fossem refeitas as fases de busca e seleção. Foram investigados artigos indexados no PubMed de junho de 2020 a junho de 2021.

Figura 1. Fluxograma da busca realizada e resultados para os descritores utilizados.



Fonte: Elaborada pelos autores.

Para a coleta de dados, foram selecionados estudos realizados com crianças dos seis meses aos doze anos de idade que estavam disponíveis gratuitamente na íntegra. Primeiramente foi realizada uma busca utilizando o descritor “*feeding Behavior*” e termo Mesh “*parents and child rearing*” com delimitação de tempo para os últimos dez anos. Após primeira verificação quanto à adequação perante os critérios de inclusão e exclusão, restaram 70 artigos. Com a leitura dos resumos, apenas 19 contemplaram os critérios de inclusão. Em seguida, foi realizada nova busca com o descritor, “*child nutrition*” e o termo Mesh “*home food environment*”, com delimitação de tempo dos últimos 5 anos, visto que esses termos são muito recentes, e foram encontrados 146 artigos. Após leitura dos resumos, apenas 37 contemplaram os critérios de inclusão. Por fim, as duas buscas resultaram em 56 artigos para

serem analisados por completo. Após a leitura na íntegra, foram excluídos 44 artigos por não abordarem o objetivo desta revisão, restando então, 12 artigos.

Foi realizada a leitura na íntegra dos 12 artigos selecionados e elaborado um quadro com o autor, ano de publicação, país, metodologia, limitações, principais resultados e objetivos (Quadro 1).

QUADRO 1 - Descrição dos estudos incluídos na revisão integrativa, em ordem de acordo com o ano de publicação.

Autor, ano e país	Tipo de estudo e amostra	Objetivos	Resultados Principais	Limitações
<p>AHERN <i>et al.</i>, 2013/ Reino Unido, Dinamarca e França</p>	<p>Estudo transversal 234 mães</p>	<p>Examinar a idade e diferenças culturais no consumo de vegetais e gosto de crianças em idade pré-escolar britânicas, dinamarquesas e francesas.</p>	<p>Revelaram que embora as crianças com idade entre 25-36 meses foi apresentado ao maior número de vegetais, para crianças com idade entre 6- 12 meses foram oferecidos vegetais com mais frequência e houve maior relato de gosto por esses vegetais. O gosto das crianças do Reino Unido estava relacionado à frequência de ingestão materna e à frequência de oferta. A Dinamarca introduziu o maior número de vegetais e os ofereceu com mais frequência do que no Reino Unido e França.</p>	<p>As perguntas feitas no estudo se referem apenas a frequência com que os vegetais são oferecidos e não consumidos, onde nenhuma pergunta foi feita sobre a quantidade de vegetais consumidos ou a frequência da rejeição.</p>

<p>BOST <i>et al.</i>, 2014 / Estados Unidos</p>	<p>Ensaio clínico randomizado 497 cuidadores</p>	<p>Testar três modelos (1) práticas de alimentação do cuidador, (2) rotinas de alimentação da família e (3) o assistir televisão infantil (TV) de mediação em série e como o estilo de apego adulto do cuidador influencia o consumo alimentar das crianças por meio da regulação da emoção.</p>	<p>Pais inseguros eram mais propensos a usar punição ou rejeição em resposta a emoções negativas de seus filhos, causando um consumo alimentar não saudável. Os cuidadores inseguros eram menos propensos a terem refeições em família. A insegurança do cuidador causou aumento do tempo que as crianças assistiam TV e afetou o consumo alimentar infantil indiretamente.</p>	<p>Os dados são correlacionais e transversais, e foram todos autorrelatos dos cuidadores. A maioria dos participantes neste estudo eram brancos e com alguma educação universitária.</p>
<p>CARNELL <i>et al.</i>, 2014 / Reino Unido</p>	<p>Estudo transversal 439 famílias</p>	<p>Investigar a relação entre uma série de comportamentos alimentares de pré-escolares e o comportamento dos pais.</p>	<p>A restrição parental foi associada com maior responsividade alimentar da criança. A pressão dos pais foi significativamente associada a maior responsividade à saciedade da criança. A alimentação instrumental e alimentação emocional dos pais foram associadas a maior responsividade alimentar da criança.</p>	<p>O desenho transversal, a taxa de resposta estimada relativamente baixa (entre 50 e 78%) e a falta de representatividade da população.</p>

<p>JACKSON <i>et al.</i>, 2015 / Estados Unidos</p>	<p>Estudo transversal 102 Famílias</p>	<p>Determinar se os fatores de nutrição familiar (NF) e a insegurança alimentar estão associados à ingestão alimentar de crianças da zona rural.</p>	<p>O ambiente de nutrição familiar foi associado a menor ingestão de açúcar adicionado e ao maior consumo de vegetais pelas crianças.</p>	<p>O desenho transversal do estudo, os dados autorrelatados, o uso de um breve questionário de frequência alimentar e o tamanho relativamente pequeno da amostra.</p>
<p>ALM <i>et al.</i>, 2015 / Noruega</p>	<p>Estudo observacional exploratório qualitativo 12 famílias</p>	<p>Explorar como a comunicação com relação ao jantar em família ocorre e como as práticas de alimentação dos pais podem estar associadas às preferências das crianças por determinadas refeições.</p>	<p>Em dias de semana, o menu do jantar costumava ser um meio-termo entre as preferências das crianças e as intenções dos pais de fornecer opções de jantar rápidas e saudáveis para a família. Nos finais de semana, as crianças podiam escolher alternativas de jantar para toda a família.</p>	<p>É um pequeno estudo qualitativo e exploratório de doze famílias norueguesas. Consequentemente, os resultados não podem ser considerados representativos.</p>
<p>ABEBE <i>et al.</i>, 2017 / Etiópia</p>	<p>Estudo transversal 100 famílias</p>	<p>Caracterizar os estilos de alimentação mãe-filho e investigar suas associações com crescimento linear.</p>	<p>Foi demonstrado que os cuidadores de crianças com baixa estatura tinham práticas complementares de amamentação e práticas de amamentação mais pobres e eram menos responsivos aos sinais de fome e saciedade da criança.</p>	<p>O desenho transversal, tipo e quantidade de alimentos a serem servidos não foram padronizados e os questionários foram administrados aos cuidadores antes do episódio de alimentação.</p>

<p>BERGE <i>et al.</i>, 2017 / Estados Unidos</p>	<p>Estudo transversal 150 famílias</p>	<p>Avaliar se o alto estresse dos pais e o humor deprimido no início do dia está associado ao controle das práticas de alimentação dos pais (restrição, pressão de comer) e alimentos menos saudáveis (alimentos pré-preparados, rápidos) ofertadas nas refeições da família.</p>	<p>O maior estresse e humor deprimido no início do dia predizem práticas de pressão para comer e menos alimentos caseiros servidos nas refeições na mesma noite.</p>	<p>O uso de itens de escalas que não foram usadas com a avaliação momentânea ecológica (EMA).</p>
<p>VOLLMER; BAIETTO, 2017/ Estados Unidos</p>	<p>Estudo transversal 148 famílias</p>	<p>Determinar a relação entre a parentalidade relacionada à alimentação, práticas e preferências de frutas, vegetais e alimentos ricos em gordura/açúcar.</p>	<p>As crianças preferiam alimentos ricos em gordura e açúcar se os pais usassem alimentos para regular suas emoções, usassem comida como recompensa, pressionar a criança a comer e restrição alimentar não saudável. Já se os pais disponibilizassem alimentos saudáveis em casa, elas tinham menos preferências por alimentos ricos em gordura e açúcar. E o incentivo dos pais para que a criança se envolva na preparação das refeições, foi associada a uma maior preferência por frutas.</p>	<p>Pais relataram as preferências alimentares de seus filhos; no entanto, os instrumentos utilizados foram validados para avaliar a qualidade da dieta de crianças pequenas.</p>

<p>POWELL <i>et al.</i>, 2017/ Reino Unido</p>	<p>Estudo transversal 75 mães</p>	<p>Explorar como a estrutura dos horários das refeições no ambiente familiar está relacionada aos comportamentos alimentares das crianças.</p>	<p>Crianças cujas mães comeram com ela, e a mesma comida, recusaram menos alimentos e eram mais fáceis de alimentar em comparação com crianças cujas mães não o faziam. As crianças que não tinham distração (por exemplo, TV) durante as refeições também demonstraram comportamentos alimentares menos exigentes.</p>	<p>A amostra é relativamente pequena e as crianças muito pequenas.</p>
<p>HAINES <i>et al.</i>, 2018/ Estados Unidos</p>	<p>Estudo transversal 310 mães</p>	<p>Explorar fatores que influenciam as práticas parentais relacionadas ao peso, examinando como a preocupação com o peso e os comportamentos relacionados de seus filhos está associada à sua alimentação, atividade física e práticas parentais na mídia entre mães australianas de crianças em idade pré-escolar.</p>	<p>As mães que estavam preocupadas com o peso de seus filhos, ingestão alimentar, atividade física e uso da mídia relataram níveis mais elevados de práticas parentais de controle, ou seja, pressão para comer, e níveis mais baixos de práticas parentais promotoras da saúde.</p>	<p>A natureza transversal do estudo, que impede a associação materna e suas práticas parentais e o autorrelato materno de suas práticas parentais.</p>

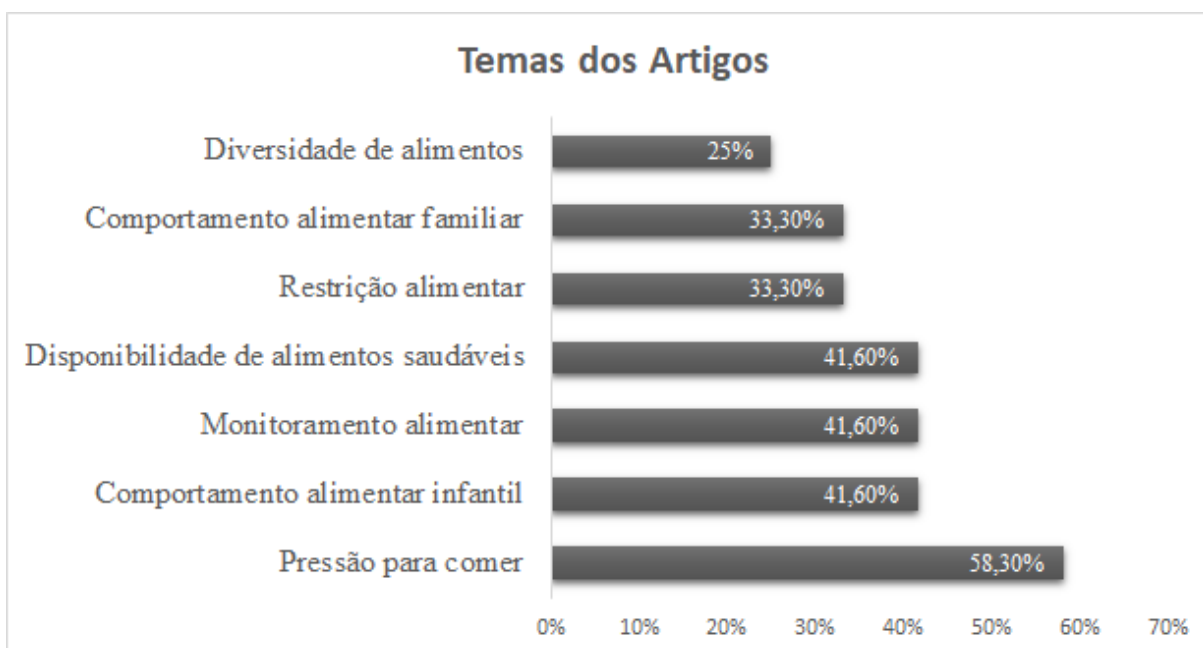
GROELE <i>et al.</i> , 2018 / Polônia e Romênia	Estudo transversal 2357 participantes	Relacionar o consumo de frutas da mãe com o de seus filhos, tanto se a mãe consome frutas, como quais as preferências de frutas e se isso influencia a criança.	As preferências de frutas declaradas pelas mães eram consistentes com as declaradas por seus filhos.	Estudo realizado apenas em países poloneses e romenos.
JENNINGS <i>et al.</i> , 2019/ Estados Unidos	Estudo transversal e longitudinal 150 famílias	Examinar o agrupamento de práticas parentais alimentares e estilos parentais e avaliar a relação entre essas características e o status do peso da criança, qualidade da dieta e comportamentos alimentares.	Os pais do subgrupo 1 práticas parentais alimentares relataram que seus filhos comiam para obter prazer e tinham menos pistas internas para a fome do que subgrupo 2 estilos parentais (permissivos, autoritários). Não houve associação entre subgrupos e status de peso da criança, qualidade da dieta e de outros comportamentos alimentares das crianças.	Medidas de autorrelato e entrevista, o estágio de desenvolvimento das crianças incluídas no estudo e a amostra pequena.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os estudos selecionados na busca foram provenientes da Etiópia, Dinamarca, França, Reino Unido, Noruega, Romênia, Polônia, Holanda e Estados Unidos, sendo que 41,66% são dos Estados Unidos da América (5) e 25% do Reino Unido (3). Vale ressaltar também que, o artigo mais antigo foi o de AHERN *et al.*, 2013, e o mais recente foi o de JENNINGS *et al.* 2019.

Sete artigos (58,3%), abordam sobre pais que pressionavam seus filhos a comer; quatro artigos (33,3%) sobre a prática de restrição dos alimentos, cinco artigos (41,6%) sobre o monitoramento alimentar; quatro artigos (33,3%) referem-se ao tema comportamento alimentar familiar; cinco artigos (41,6%) abordam sobre comportamento alimentar infantil; cinco artigos (41,6%) discorrem sobre a importância da disponibilidade dos alimentos saudáveis e três artigos (25%) sobre a diversidade de alimentos (Figura 2).

Figura 2. Gráfico dos temas dos artigos encontrados.



Fonte: Elaborada pelos autores.

Práticas parentais

As práticas parentais negativas mais citadas nos artigos selecionados foram pressão para comer, monitoramento, restrição e recompensa. Segundo Abebe *et al.* (2017) forçar a criança a comer, obrigar a criança a terminar a alimentação depois que ela esteja saciada e ameaçar são estratégias negativas, podendo impossibilitar que a criança aceite o que foi ofertado, gerando desinteresse e ocasionando mais rejeição e menos ingestão do alimento alvo a longo prazo.

Além disso, essas práticas podem promover aumento do consumo de alimentos ultraprocessados, os quais envolvem várias etapas de processamentos e adição de ingredientes como o sal, açúcar, gorduras e aditivos químicos que podem ser prejudiciais à saúde, e reduzir o consumo de alimentos *in natura*, obtidos diretamente de plantas ou de animais e adquiridos para consumo sem que tenham sofrido qualquer alteração após deixarem a natureza, como frutas e verduras que compõem alimentos saudáveis (BRASIL, 2014).

Ao pressionar a criança, os pais desconsideram a capacidade de decisão sobre a ingestão alimentar, levando a comportamentos excessivos e aversões, uma vez que elas associam o alimento a uma experiência negativa, podendo desencadear desde dificuldades alimentares até transtornos alimentares futuros na adolescência e a fase adulta (ALM *et al.*, 2015). Além disso, pais que pressionam as crianças são caracterizados como exigentes e essa prática pode provocar rejeição a alimentos saudáveis (VOLLMER; BAIETTO, 2017).

Em estudo transversal realizado com 310 mães foi constatado que as mais preocupadas com o peso dos filhos exerciam níveis mais altos de pressão para a criança comer e adotavam o método de restrição e recompensa. Já as mães menos preocupadas demonstraram níveis mais baixos de pressão. Esses resultados apontam que a preocupação materna pode induzir ao uso de métodos de controle, causando efeitos negativos no relacionamento da criança com o alimento, baixa autoestima e ganho de peso excessivo (HAINES *et al.*, 2018).

Outro fator que pode influenciar os pais a pressionarem seus filhos é o ambiental, como estresse e desordem na vida cotidiana (JENNINGS *et al.*, 2019). Pais expostos ao estresse durante o dia tendem a pressionar mais seus filhos e oferecerem mais comidas pré-preparadas e menos alimentos preparados no domicílio (BERGE *et al.*, 2017). Cuidadores inseguros também tendem a utilizar a pressão para comer e a regulação como reação a emoções negativas das crianças, causando impacto no comportamento alimentar inicial e no ambiente alimentar (BOST *et al.*, 2014).

O controle exagerado dos pais também faz com que as crianças ignorem seus sinais internos de fome e saciedade, ocasionando respostas exageradas aos sinais externos como sociais e emocionais (CARNELL *et al.*, 2014). De acordo com Vollmer *et al.* (2017), pressionar a comer, restringir e utilizar alimento como recompensa foi considerado como controle coercitivo e associado negativamente à preferência das crianças por frutas.

Por outro lado, segundo Jackson *et al.* (2015) nas famílias que fazem o monitoramento do consumo de alimentos ultraprocessados, como biscoitos, batatas fritas, doces e utilizam o micro-ondas e comidas prontas com menos frequência, os filhos tendem a consumir mais alimentos *in natura*, tais como, vegetais, legumes, frutas e menos açúcar (JACKSON *et al.*, 2015). Permitir que a criança escolha seus alimentos é considerado uma prática positiva, dependendo do que é disponibilizado, no entanto, deixar o filho controlar suas refeições foi associado a menos consumo de frutas (VOLLMER; BAIETTO, 2017).

Outra prática comum é o uso de alimentos como recompensa, método em que os pais oferecem um alimento que o filho gosta em troca dele comer um alimento que não gosta (VOLLMER; BAIETTO, 2017). Utilizar alimentos como recompensa diminui a preferência pelo alimento alvo e reduz as chances da criança escolher esse alimento quando estiver mais velha (ALM *et al.*, 2015). Do mesmo modo que oferecer um alimento ultraprocessado, gorduroso e açucarado para ela ficar alegre aumenta a sua preferência pelo mesmo e essas práticas podem gerar um impacto significativo nas escolhas alimentares durante a vida adulta (VOLLMER; BAIETTO, 2017).

A restrição também foi uma estratégia bastante utilizada. Armazenar os alimentos ultraprocessados em casa e restringir o acesso da criança faz com ela aumente a preferência pelo alimento restringido devido à proibição imposta (ALM; OLSEN; HONKANEN, 2015). Além disso, a restrição pode levar a um aumento do interesse por esses alimentos, que são menos saudáveis, mais calóricos e com maior presença de aditivos como sal, gordura e açúcar (CARNELL *et al.*, 2014). Alm *et al.* (2015) constataram que os pais utilizavam mais essa prática durante a semana, visto que nos finais de semana eles eram mais flexíveis. Por esse motivo as refeições do fim de semana eram menos saudáveis (ALM *et al.*, 2015).

Um estudo longitudinal e transversal com 150 participantes, verificou que pais classificados com o estilo de alimentação permissivo e de forma controlada eram mais propensos a utilizar restrição e pressão para comer. Constatou-se também que os filhos eram mais exigentes, mais sujeitos a comer por prazer e não tinham sinais internos de saciedade em comparação com os pais que utilizavam menos pressão para comer e menos restrição alimentar (JENNINGS *et al.*, 2019).

Além desses perfis, as práticas alimentares dos pais influenciam nas escolhas dos filhos. Em um estudo transversal com 439 crianças em idade pré-escolar, por exemplo, foi constatado que existem associações entre as características apetitivas dos filhos e o estilo de alimentação dos pais, sendo o hábito alimentar dos filhos diretamente ligado ao dos pais. Tendo em vista que os filhos se espelham nos hábitos dos pais, hábitos alimentares saudáveis por parte deles irão influenciar positivamente na formação desses hábitos nos filhos (CARNELL *et al.*, 2014).

Hábitos alimentares da família

A alimentação vai além dos aspectos das necessidades do organismo, assumindo também um comportamento cultural (DE SOUZA LIMA *et al.*, 2015). Nesse sentido, os hábitos de vida dos pais, os estilos parentais e a maneira como eles interagem com seus filhos são importantes para a formação dos seus hábitos alimentares (SILVA *et al.*, 2016).

O estudo de Abebe *et al.* (2017) evidenciou o impacto dessas mudanças nas famílias estudadas. Os autores observaram que se as refeições eram realizadas em conjunto, as crianças apresentavam maior consumo de frutas (ABEBE; HAKI; BAYE, 2017). Fato esse também encontrado em um estudo observacional, realizado com 65 mães e seus respectivos filhos, no qual evidenciou-se que as crianças que realizavam as refeições junto com as mães e que comiam a mesma comida, recusaram menos alimentos em comparação com aquelas em que as mães não comiam o mesmo alimento ou não se alimentavam juntos (POWELL *et al.*, 2017).

Outro dado relevante é que famílias que preparam suas próprias refeições, têm sido associadas positivamente a práticas alimentares saudáveis. Abebe *et al.* (2017) observaram que nas famílias onde havia menor ingestão de açúcar e maior consumo de frutas, legumes e vegetais em crianças, havia também o uso menos frequente de micro-ondas e menor ingestão de alimentos prontos (ABEBE; HAKI; BAYE, 2017).

Além disso, quando os pais deixam em casa alimentos nutritivos disponíveis, as crianças tendem a consumi-los, como também a desenvolver preferência por esses alimentos. Essa prática foi confirmada como positiva em um estudo transversal, realizado com 148 pais de crianças entre 3 a 7 anos, no qual as crianças preferiam menos alimentos com alto teor de gordura e açúcar, se os pais fizessem e disponibilizassem comida saudável em casa (VOLLMER; BAIETTO, 2017).

Como já mencionado, os filhos adquirem suas preferências a partir das preferências do pais e ambiente familiar. Groele *et al.* (2018) em seu estudo com 2357 mães, constataram que os hábitos maternos foram significativamente associados ao consumo de frutas de seus filhos. Diante disso, se uma mãe não gostar de um alimento específico, ela deve mesmo assim, disponibilizar e apresentar a seu filho, de modo que ele tenha a oportunidade de experimentar, isso aumenta as opções de alimentos saudáveis para essa criança (GROELE *et al.*, 2018).

Hábitos alimentares infantis

As práticas parentais e os hábitos alimentares da família influenciam na formação dos hábitos alimentares dos filhos, ou seja, influenciam nas escolhas alimentares realizadas pela criança. Através dos tipos de práticas que os pais e a família apresentam em relação à alimentação da criança, é possível observar a consequência de tal prática, se aumenta ou diminui o consumo de frutas, verduras, ou se aumenta o consumo de alimentos industrializados, ricos em açúcar e gordura pelas crianças (ALM; OLSEN; HONKANEN, 2015).

Uma estratégia adotada pelos pais para aumentar a aceitação das crianças aos vegetais é a de "esconder" esses vegetais em preparações alimentares para que a criança não veja que tem vegetais em sua refeição. No entanto, em estudo observacional realizado na Noruega com alguns pais que tinham essa prática, foi observado que tal prática fazia com que as crianças

não soubessem o que comiam e que isso fazia com que elas não conseguissem se familiarizar ao consumo desses vegetais. Consequentemente, modificar e esconder alimentos para aumentar o consumo pelas crianças não é a melhor estratégia para melhorar as preferências por vegetais. A criança precisa conhecer os sabores dos alimentos e associar esses sabores as suas características. Preparações variadas são uma boa estratégia, no entanto, “disfarçar” o alimento nessas preparações, não (ALM; OLSEN; HONKANEN, 2015).

As práticas relacionadas à pressão podem não ser benéficas também. Os pais, por receio da alimentação de seus filhos ser insuficiente, tendem a utilizar diferentes tipos de pressão para fazer as crianças comerem maior quantidade de alimento do que querem ou necessitam. Isso pode fazer com que a criança não tenha capacidade de realizar as próprias escolhas alimentares e a ter autonomia alimentar na idade adulta, bem como alterar a percepção de saciedade (ALM et al., 2015). Em um estudo realizado em Londres, ficou evidente que a pressão que os pais podem realizar para as crianças se alimentarem resulta em aumento do desinteresse da criança pela comida (CARNELL *et al.*, 2014).

Dessa forma, fica clara a importância da autonomia e poder de escolha da criança para se promover uma boa relação com o alimento e o ato de comer. Em um estudo transversal realizado com 75 mães na Inglaterra foi observado que crianças que tiveram permissão para escolher alimentos e/ou tamanho da porção recusaram menos alimentos durante a refeição. Essas crianças também apresentaram menos comentários negativos sobre alimentos, se alimentaram mais rapidamente e de maneira mais fácil (POWELL et al., 2017).

Da mesma forma que outro estudo transversal realizado com 148 famílias nos EUA constatou que quando os pais incentivam as crianças a se envolverem na preparação dos alimentos, há uma associação positiva alimentar, levando a uma preferência por vegetais. Sendo que, quanto mais a criança estiver envolvida na preparação das refeições, maior será sua preferência por vegetais (VOLLMER; BAIETTO, 2017).

Semelhante a isso, em um estudo transversal realizado com 234 mães na Europa foi constatado que a frequência com que um vegetal era oferecido estava relacionada ao quanto as mães relataram que seus filhos gostaram do vegetal, sendo que a preferência e aceitação aumentava de acordo com a frequência de oferta (AHERN *et al.*, 2013). Nesse sentido, fica cada vez mais evidente que a exposição repetida das crianças a vegetais promove essa preferência e reduz a rejeição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos evidenciam a influência dos pais na alimentação infantil, sendo essa uma consequência de um conjunto de práticas parentais e consumo alimentar dos pais, sejam eles hábitos alimentares positivos ou negativos. É importante ressaltar que essa revisão não incluiu artigos desses países devido a falta desses trabalhos, o que reforça a necessidade de que mais estudos com essa temática sejam desenvolvidos e publicados.

Quando os pais possuem hábitos alimentares saudáveis e prática parental adequada acerca da alimentação do filho, como consumo de frutas e vegetais, exposição repetida de variedades de alimentos e o preparo das próprias refeições, o consumo alimentar infantil também tende a ser mais saudável. Enquanto práticas parentais consideradas negativas, como utilizar pressão para a criança comer, utilizar alimentos como recompensa, não preparar as próprias refeições priorizando alimentos ultraprocessados e restringir algum grupo de alimento pode incentivar a preferência por hábitos alimentares não saudáveis.

Desse modo, é extremamente importante que os pais tenham consciência da influência que exercem sobre a alimentação dos filhos, assim como, fica evidente a necessidade de educação nutricional e alimentar para com os pais e família de modo que possam realizar

práticas parentais e consumo alimentar que promovam melhores escolhas alimentares infantis e hábitos saudáveis que vão seguir até a vida adulta da criança. Cabe ao Estado também trabalhar políticas públicas que incentivem melhores hábitos e escolhas alimentares por parte dos pais e responsáveis, podendo usar como canal de comunicação as escolas.

Por fim, mais estudos com o objetivo de averiguar o impacto da influência dos pais sobre as escolhas alimentares das crianças precisam ser realizados, principalmente na América Latina.

REFERÊNCIAS

- ABEBE, Z.; HAKI, G. D.; BAYE, K. Child feeding style is associated with food intake and linear growth in rural Ethiopia. **Appetite**, v. 116, p. 132–138, 2017. DOI: [10.1016/j.appet.2017.04.033](https://doi.org/10.1016/j.appet.2017.04.033)
- AHERN, S. M. et al. Eating a Rainbow. Introducing vegetables in the first years of life in 3 European countries. **Appetite**, v. 71, p. 48–56, 2013. DOI: [10.1016/j.appet.2013.07.005](https://doi.org/10.1016/j.appet.2013.07.005)
- ALM, S.; OLSEN, S. O.; HONKANEN, P. The role of family communication and parents' feeding practices in children's food preferences. **Appetite**, v. 89, p. 112–121, 2015. DOI: [10.1016/j.appet.2015.02.002](https://doi.org/10.1016/j.appet.2015.02.002)
- BERGE, J. M. et al. Momentary parental stress and food-related parenting practices. **Pediatrics**, v. 140, n. 6, 2017. DOI: [10.1542/peds.2017-2295](https://doi.org/10.1542/peds.2017-2295)
- BOST, K. K. et al. Associations between adult attachment style, emotion regulation, and preschool children's food consumption. **Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics**, v. 35, n. 1, p. 50–61, 2014. DOI: [10.1097/01.DBP.0000439103.29889.18](https://doi.org/10.1097/01.DBP.0000439103.29889.18)
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **MINISTÉRIO DA SAÚDE SAÚDE DA CRIANÇA: Nutrição Infantil.** [s.l: s.n.].Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_nutricao_aleitamento_alimentacao.pdf
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira.** 2 ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2014.Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_populacao_brasileira_2ed.pdf
- CARNELL, S. et al. Parent feeding behavior and child appetite: Associations depend on feeding style. **International Journal of Eating Disorders**, v. 47, n. 7, p. 705–709, 2014. DOI: [10.1002/eat.22324](https://doi.org/10.1002/eat.22324)
- DANTAS, R. R.; DA SILVA, G. A. P. The role of the obesogenic environment and parental lifestyles in infant feeding behavior. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 37, n. 3, p. 363–371, 2019. DOI: [10.1590/1984-0462/2019;37;3;00005](https://doi.org/10.1590/1984-0462/2019;37;3;00005).
- DE SOUZA LIMA, R.; FERREIRA NETO, J. A.; PEREIRA FARIAS, R. DE C. Alimentação, Comida E Cultura: O Exercício Da Comensalidade. **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 10, n. 3, p. 507–522, 2015. DOI: [10.12957/demetra.2015.16072](https://doi.org/10.12957/demetra.2015.16072).

GROELE, B. et al. Mother's fruit preferences and consumption support similar attitudes and behaviors in their children. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 15, n. 12, 2018. DOI: [10.3390/ijerph15122833](https://doi.org/10.3390/ijerph15122833).

HAINES, J. et al. Associations between maternal concern about child's weight and related behaviours and maternal weight-related parenting practices: A cross-sectional study.

International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity, v. 15, n. 1, p. 1–9, 2018. DOI: [10.1186/s12966-018-0738-5](https://doi.org/10.1186/s12966-018-0738-5).

JACKSON, J. A. et al. The family-home nutrition environment and dietary intake in rural children. **Nutrients**, v. 7, n. 12, p. 9607–9720, 2015. DOI: [10.3390/nu7125495](https://doi.org/10.3390/nu7125495)

JENNINGS, K. M. et al. Application of latent profile analysis to define subgroups of parenting styles and food parenting practices. **Appetite**, v. 139, n. April, p. 8–18, 2019. DOI: [10.1016/j.appet.2019.04.001](https://doi.org/10.1016/j.appet.2019.04.001).

JUSTO, G. F.; FERREIRA, J. Alimentação, direito e saúde: uma experiência etnográfica na sala de espera de um ambulatório de nutrição. **Estudos socioculturais em alimentação e saúde: saberes em rede**, vol. 5, p. 381–399, 2016. DOI: [10.7476/9788575114568](https://doi.org/10.7476/9788575114568).

MELO, K. M. et al. Influence of parents' behavior during the meal and on overweight in childhood. **Escola Anna Nery**, v. 21, n. 4, p. 1–6, 2017. DOI: [10.1590/2177-9465-EAN-2017-0102](https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2017-0102).

POMPEO, D. A.; ROSSI, L. A.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: etapa inicial do processo de validação de diagnóstico de enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 22, n. 4, p. 434–438, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/KCrFs8Mz9wG59KtQ5cKbGgK/?lang=pt&format=pdf>.

POWELL, F. et al. The importance of mealtime structure for reducing child food fussiness. **Maternal and Child Nutrition**, v. 13, n. 2, p. 1–7, 2017. DOI: [10.1111/mcn.12296](https://doi.org/10.1111/mcn.12296).

SILVA, G. A. P.; COSTA, K. A. O.; GIUGLIANI, E. R. J. Infant feeding: beyond the nutritional aspects. **Jornal de Pediatria (Versão em Português)**, v. 92, n. 3, p. S2–S7, 2016. DOI: [10.1016/j.jped.2016.02.006](https://doi.org/10.1016/j.jped.2016.02.006).

VICTORA, C. G. et al. Breastfeeding in the 21st century: Epidemiology, mechanisms, and lifelong effect. **The Lancet**, v. 387, n. 10017, p. 475–490, 2016. DOI: [10.1016/S0140-6736\(15\)01024-7](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(15)01024-7).

VOLLMER, R. L.; BAIETTO, J. Practices and preferences: Exploring the relationships between food-related parenting practices and child food preferences for high fat and/or sugar foods, fruits, and vegetables. **Appetite**, v. 113, p. 134–140, 2017. DOI: [10.1016/j.appet.2017.02.019](https://doi.org/10.1016/j.appet.2017.02.019).